



BRUNO
FRUTUOSO COSTA
(PHD Researcher)

CAMINHAR ENTRE AS ADVERSIDADES SEM FÓRMULAS MÁGICAS

Faltavam poucos minutos para as 8 horas do dia 16 de junho de 2022, dia do Corpo de Deus, quando recebo uma chamada. Já sabia do que se tratava, apesar de nunca se estar preparado. Há três dias que a Judy, a minha mãe e melhor amiga, se encontrava na fase da agonia. Esta fase é utilizada na medicina para identificar, com o surgimento de uma multiplicidade de alterações simultâneas, as últimas horas ou dias dos doentes em fim de vida ou em estado terminal. Atendo. Do outro lado ouço uma voz tremelica e embargada: "Bom dia, falo com o Senhor Bruno? (...) A sua mãe faleceu esta noite". Sabia que, a partir daquele instante, a minha mãe já não sofria mais, mas não o que me esperava.

Começo a partilha desta forma, dado que a morte da minha mãe está associada ao início da minha caminhada de fé. Filho único e com pais divorciados. Vivi sempre com a Judy desde os meus 11 anos, na Marinha Grande. Cresci sem ser batizado, embora os meus pais fossem católicos, não praticantes. Eles entenderam que me caberia decidir se deveria ou não ser batizado quando fosse adulto, tomando uma escolha consciente e de livre vontade. Concordava com a perspetiva deles e o assunto nunca me incomodou ou despertou curiosidade. Dessa forma, a minha vivência religiosa resumia-se a umas visitas ao Santuário



de Fátima. A minha mãe gostava de lá ir, esporadicamente.

Nos últimos anos, a Judy teve alguns problemas de saúde graves que implicaram várias baixas médicas prolongadas. Aí fui forçado a tornar-me adulto, deixando de viver momentos importantes na vida de qualquer adolescente. Esses períodos podem ser divididos em três fases. Em 2008, uma depressão após o divórcio, seguida de uma tentativa de suicídio. Em 2019, um surto psicótico devido à cessação de medicação psiquiátrica levava-a a um internamento compulsivo e à descoberta do síndrome depressivo com contornos de bipolaridade. Em 2020, um diagnóstico de Linfoma difuso de grandes células B (um cancro do sangue). Esta é a primeira vez que faço uma partilha pública com todos estes elementos. Refleti muitas vezes se o deveria fazer ou não. Penso que é mais uma das vontades de Deus.

Penso que, de todos os seus problemas de saúde, o mais grave foi o Linfoma. Foi um período bastante difícil e complexo, porque os tratamentos provocaram muitos efeitos adversos e também éramos só nós os dois. Na semana em que surgiram os primeiros sintomas de que o período terminal tinha chegado com a fase da agonia, tive de começar a pensar no funeral. Naquela altura, não tinha cabeça para estar a pensar nisso e indicaram-me uma pessoa que me podia agilizar o processo. Essa pessoa acabou por se tornar minha amiga e uma das pessoas mais importantes na minha vida.

Decidi que o melhor para mim seria começar uma vida nova bem longe de todos os lugares e cidades que me trouxessem recordações diretas. Marinha Grande, Leiria e Coimbra saltavam automaticamente para fora da equação. No período inicial de luto, essa pessoa e a sua esposa foram criando uma rela-

ção de amizade comigo. Prestaram-se a dar-me apoio, sugerindo e auxiliando nos preparativos para a mudança, após a minha entrada no Doutoramento em Ciências da Comunicação, no Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.

A amizade não arrefeceu com a distância, pelo contrário, tornou-se cada vez mais forte. Falávamos várias vezes por semana e comecei a passar fins de semana com o casal, que vive perto de Fátima. Aos poucos, fomos aprofundando laços de amizade até ao momento em que comecei a ver neles uma família. Na presença de um contexto familiar distinto, percebi que eles tinham uma convivência diferente. O facto de serem católicos, de terem o hábito de ir à missa, de rezarem diariamente o terço e falarem de Deus. Só que eu naquela altura não negava a existência de Deus, mas também não acreditava que Ele existisse.

Ao início, causava-me alguma estranheza o porquê de tanta devoção. A minha vivência de fé começou, então, desse contacto. Deus começa a surgir, naturalmente, nas nossas conversas. Tendo eu gosto pela investigação e de Deus não ser possível dar evidências científicas, como sabemos, confrontava-os com perguntas. De início, fui muito provocador no sentido de questionar se aquilo em que eles acreditavam era mesmo assim ou não, procurando identificar incongruências nas suas respostas. Em momento algum, senti qualquer tipo de pressão. Eles conheciam a minha história, mas, principalmente, respeitavam o meu espaço.

Passados uns meses, começo a refletir. Como pode uma pessoa que não acreditava em Deus ser acolhido, aos 25 anos, por uma família católica ou residir num colégio católico? A resposta fácil seria que estava perante coincidências. Fi-

Continua na pag. seguinte →

quei mais atento para as coisas que me iam acontecendo e, aos poucos, fui-me interessando pelos assuntos de Deus. Os meses seguintes marcaram o início e o desenvolvimento da minha caminhada de fé num dos períodos mais complexos que já vivi.

Acredito que Deus se serviu de outras pessoas para agir, para chegar até mim. Encontrei amizade nessa família, no colégio e no doutoramento.

Outro facto interessante é que nunca me revoltei com a morte da minha mãe ou com os outros acontecimentos anteriores. Sinto que antes, mesmo não sendo católico, Deus nunca me abandonou e deu-me a capacidade para levar as coisas da melhor forma. Hoje encaro aqueles anos como uma das minhas missões na terra. Ser o filho, o melhor amigo, o psicólogo e o cuidador informal da minha mãe. Consegui sempre dar-lhe o melhor que pude com as ferramentas e possibilidades que dispunha no momento. E isso é o que me permite, atualmente, dormir de consciência tranquila.

Por considerar que tem sido Deus a operar essas graças, servindo-se de acontecimentos e de pessoas especiais, fui preparando-me, através de catequeses, para receber os sacramentos da iniciação cristã. No dia 3 de setembro de 2023, recebi os sacramentos (Batismo, Primeira Comunhão e Crisma), na Igreja Matriz de Fátima, numa celebração presidida pelo pároco Rui Marto e celebrada pelo padre Carlos Ângelo, diretor do Colégio Universitário Pio XII. Ah, e claro, os meus padrinhos foram o casal de Fátima. Apesar de eu já sentir Deus na caminhada de fé, foi na celebração que pude comungar Deus vivo e recebê-LO. Foi um momento único e para o qual ainda não tenho capacidade de descrever. Reconheço que é um desafio testemunha-LO com a vida e que estou apenas no princípio. Perante uma sociedade onde muitos sentem a pressão de parecerem perfeitos o tempo todo, acredito que a partilha de histórias como esta pode inspirar outros a abraçar as suas próprias jornadas e limitações, encontrando força na fé e nas próprias experiências pessoais. Sejam felizes na medida do possível! ♦

